

ROSANA RAPIZO

Quando ainda estava na PUC, fazendo psicologia, no meu estágio, vi o primeiro atendimento de família na sala de espelho, realizado por Ary Band, então meu supervisor. Ao me formar, no ano de 1982, a intenção de continuar estudando me levou ao Instituto de Psiquiatria da UFRJ para a Especialização em Terapia de Família em 83. Concomitante ao curso, passei a fazer parte de um grupo de estudos sobre terapia de família coordenado por Anna Maria Hoette e Gladis Brun. Em 86 fui convidada para começar a dar aulas em outros grupos de estudo que já se formavam e nasceu o embrião do ITF para o qual fui convidada a participar por Gladis e Anna. Em 1987, inauguramos o ITF-RJ eu e mais sete sócias: Anna Maria Hoette, Gladis Brun, Teresa Cistina Chagas Diniz, Lia Ganc, Eloísa Vidal Rosana e Isabella Sá. No ITF, lecionando, coordenando a formação a partir de 1989 (o curso básico), participando da edição da revista Nova Perspectiva Sistêmica desde 1991, dirigindo a Instituição, supervisionando já mais de 300 alunos que passaram por lá, sinto que continuei minha formação e minha trajetória como terapeuta de família foi se consolidando. Coordenei a formação como um todo de 1991 a 2008, tendo ficado afastada desta coordenação no período de 2000 a 2003. Participei de quase todos os Congressos de Terapia de Família, estava lá na primeira Assembléia da ABRATEF e na fundação da ATF – RJ. Criei e coordenei, junto com Jorge Bergallo, o primeiro encontro de Formadores em Terapia de Família no Congresso de Terapia de Família do Rio de Janeiro em 1998, privilegiando a conversa e a troca entre terapeutas de todo o Brasil. O interesse teórico e na clínica de famílias após a entrada no campo das abordagens construtivistas e construcionistas sociais me levaram a querer aprofundar a questão das intervenções em terapia de família. Em 91 ingressei no mestrado em Psicologia Clínica da PUC e da dissertação de mestrado surgiu o livro Terapia Sistêmica de Família: da instrução à construção publicado pelo Instituto Noos em 96, que hoje é vendido em todo o Brasil, especialmente pelas instituições formadoras, já tendo tido duas edições. O estudo do movimento construcionista levou-me a pouco a pouco ir ampliando minha prática para outros grupos relacionais além da família. Surge a curiosidade de explorar a aplicação da teoria sistêmica, do construcionismo social, ao trabalho com grupos. Em 1997, no ITF, criei um projeto que se manteve até 2007 reunindo o trabalho com grupos e divórcio. Com uma equipe, da qual participaram entre outras Maria Beatriz Costamilan e Nadia Moritz, realizamos grupos de homens, mulheres e adolescentes que passaram pelo divórcio em suas famílias. Este trabalho, sucesso por seus resultados e por sua originalidade levou-me a caminhos novos na minha clínica e na docência. O trabalho com grupos, organizações, equipes começa a se consolidar em minha prática. A partir de 1998, já fazendo parte da equipe do Instituto NOOS (ONG criada por ex-alunos e professores do ITF), da qual faço parte desde a sua fundação, passei a integrar o Núcleo de Gênero, Saúde e Cidadania. Lá coordenei dentro de um amplo projeto de trabalho com a violência intrafamiliar de gênero, grupos com mulheres em situação de violência, além de inúmeras capacitações para diversos tipos de públicos sobre visão sistêmica e violência, gênero e violência, etc. Além disto, desde a fundação do Instituto NOOS participei dos seus projetos de formação em Terapia de Família fora do Rio de Janeiro: em Campinas e Macaé. Em 1997, por ocasião do décimo aniversário do ITF, divulgamos a pesquisa que coordenei sobre a clínica social do ITF. A partir deste trabalho comecei a coordenar grupos de atendimento a famílias em situação de violência. O ITF como um pólo de ensino e aprendizagem sobre a terapia sistêmica de família também publicou a partir de 1991 a primeira revista sobre a

terapia sistêmica no Brasil. Nova perspectiva Sistêmica onde comecei como assistente de edição e passei a editora em 1993, foi para mim um grande terreno para aprendizagem, contato com outros profissionais e desafios constantes. Em 2003, a partir de meu interesse e trabalho com grupos, fui convidada por Saúl Fuks a integrar uma equipe que ministra aqui no Brasil um curso sobre Facilitação Sistêmica de Processos Grupais, inspirado em experiências dele na Argentina, na França, etc. e numa parceria do ITF-RJ com a Fundación Moiru, de Rosário. Também em 2004 ministrei um curso sobre trabalho com grupos a partir do construcionismo social no Instituto NOOS. No período entre 2005 e 2007, a estrutura do ITF-RJ transformou-se havendo mudanças desde a área da equipe até mudanças físicas, de casa, etc. DE todas as transformações surge uma nova instituição o MULTIVERSA: terapia de família e práticas sistêmicas, dirigida por mim e por Eloisa Vidal Rosas. Mantendo o curso de formação em terapia de família e acrescentando outras práticas a seu “cardápio” de cursos, como a facilitação de grupos, Multiversa representou a ampliação das fronteiras da visão sistêmica para além da terapia de família e consolidou o alinhamento da equipe com as contribuições do construcionismo social. Em 2008, Multiversa fez uma parceria com o Instituto Noos no curso de formação e na revista Nova Perspectiva Sistêmica. Por esta época deixei a coordenação do curso de a edição da revista para ingressar no doutorado no Programa de Psicologia Social da UERJ, onde tenho minha pesquisa centrada na articulação do trabalho de grupos com a situação de divórcio. Com todas estas atividades, mais a clínica, artigos publicados, enfim, a história da terapia de família no Rio de Janeiro e no Brasil está encarnada em minha prática e em minha vida. Assim como acho que sou parte dela, ajudando a construir e consolidar os caminhos da terapia sistêmica no Brasil. Hoje a terapia de família já tem várias gerações de terapeutas e atuando e atuantes que ajudam a dar visibilidade e consistência ao campo. Muitos deles, tenho orgulho de dizer, foram formados nas instituições onde atuei e ainda atuo. Por outro lado, deixamos de ser um pequeno grupo de pioneiros onde todos se conheciam e se encontravam a cada Congresso para sermos uma enorme e produtiva comunidade de pessoas, uma rede que necessita comportar diversidade, identificações e, portanto grandes desafios.